

O ABC do Budhismo

Amigos! Sei que vocês estão interessados no estudo e na procura do modo budhista de abandono de todos os problemas da vida, os quais podem ser resumidos como sendo problemas do nascimento, envelhecimento, doença e morte.

Gostaria de ajudá-los a compreender este tópico o máximo que eu possa. Mas devo dizer, antes de tudo, que meu conhecimento da língua inglesa não é completo. É um inglês de criança, auto-ensinado e auto-aprendido. Assim, vocês devem ponderar com cuidado; tentem entender e perceber o que procuro dizer. Uma vez que não podemos ter uma palestra numa sala de aula, minha fala hoje deverá ser mais como uma conversação privada.

Vocês ouviram que o Senhor Buddha, em sua Iluminação, descobriu o Dhamma ¹. Gostaria de falar sobre este Dhamma, isso que o Buddha descobriu em seu Despertar. Este Dhamma pode ser chamado de Lei de Idappaccayatā. É a Lei da Natureza ou a Lei Natural da Condicionalidade.

A palavra 'lei' em inglês é mais ou menos equivalente à palavra thai *gote*. Assim, dizemos *gote Idappaccayatā* na língua tailandesa. No entanto, o termo *gote* em tailandês significa mais do que simplesmente 'lei'. Apesar disso, usaremos o termo 'lei' por ser uma tradução geralmente aceita.

Esta Lei de Idappaccayatā é o Supremo. Pode ser chamada de 'Deus'. O Senhor Buddha foi iluminado por esta Lei. Imediatamente após (esse Despertar), ele prestou homenagem a essa Lei. Declarou que

todos os Buddhas - tanto aqueles no passado, como aqueles no futuro - prestam homenagem a essa Lei em nome do Dhamma.

Esta Lei Natural consiste de seis qualidades, as quais todos consideram como sendo as qualidades de Deus. Ou seja, as qualidades de ser o Criador, o Controlador e o Destruidor; de ser Onipotente, Onipresente e Onisciente. Aquele que tem essas seis qualidades é chamado 'Deus'. Nós, budhistas, temos essa Lei Natural como Deus; olhamos para essa Lei como o Deus que tem, na realidade, essas seis qualidades.

Este é o único Deus aceitável pelos cientistas modernos. É uma Lei Natural que não pode ser estabelecida por ninguém. Se há alguém ou algo que estabelece alguma coisa, esta coisa não é uma Lei, não é um *gote* no sentido tailandês e especialmente não é o *gote Idappaccayatā*. Ela é apenas uma Lei, mas inclui todas as outras leis - todas as outras Leis Naturais, leis não criadas pelo homem. Essa Lei é inerente a todos os átomos que, juntos, compõem nosso universo, ou universos, tanto físico como mental.

Devemos conhecer bem esta Lei, pois é aquilo que nos controla e a todos os nossos problemas. Os seres humanos serão felizes ou não pelas ações corretas ou incorretas em relação a essa Lei; não pelo poder de um Deus pessoal, nem mesmo como o resultado do *kamma* ² passado. Este último ponto é algo que discutiremos adiante.

A paz no mundo existirá ou não dependendo do fazer certo ou errado de acordo com essa Lei.

Quero que pensem sobre as seguintes proposições de modo a estimar o poder dessa Lei. Suponham que todos os deuses pessoais

tenham a intenção de nos punir. Podemos sobrepujar todo o seu poder e nos vermos livres de sua punição através da ação correta de acordo com essa Lei. Ou suponham que todos os deuses pessoais tenham a intenção de nos abençoar. Ainda assim, se agimos incorretamente de acordo com a Lei de Idappaccayatā, no sentido de sermos felizes, por exemplo, não há modo de recebermos as bênçãos de tais deuses. Podemos ver que essa Lei controla todas as coisas, tanto animadas como inanimadas. Entretanto, problemas surgem e aparecem somente às coisas animadas.

A Lei de Idappaccayatā pode ser vista como Deus. Este Deus é indescritível e não pode ser classificado. Não podemos conhecê-lo' como uma pessoa, porque 'ele' não é como alguém dentre nós que vivemos neste mundo. Idappaccayatā - o Deus - é a primeira causa e a causa sustentadora, em todos os tempos e em todos os casos, de nosso universo. Ela cria tanto o positivo como o negativo. Há tanto resultados positivos como negativos porque isso é apenas a Lei Natural. Se fosse um Deus pessoal, 'ela' escolheria somente o positivo. Se não queremos nenhum negativo, devemos conhecer a lei do positivo. Podemos, então, ter resultados positivos por meio da prática de acordo com a Lei.

O caminho de prática para solucionar tais problemas é chamado de Dhamma. O problema de fato dos seres humanos é o problema do sofrimento, tanto nos indivíduos como nas sociedades. Os seres sencientes devem sofrer quando agem incorretamente contra a Lei de Idappaccayatā no momento do contato (*phassa*³). Gostaria que vocês compreendessem particularmente bem tal assunto, pois é a essência do Dhamma. Desta forma, eu o repetirei. Todos os seres sencientes devem sofrer quando agem incorretamente contra a Lei de Idappaccayatā no momento do contato (*phassa*). Os seres sencientes

não sofrerão quando agirem corretamente - isto é, quando não agirem de forma errada - de acordo com essa Lei. Isso é especialmente verdadeiro no momento de *phassa*.

Agora discutiremos essa Lei Natural em detalhe. É o ABC do Buddha-Dhamma. Algumas vezes a chamamos de *paṭicca-samuppāda*. Juntas, *Idappaccayatā-paṭicca-samuppāda* significam a lei da condicionalidade, a qual diz que a originação de todas as coisas é dependente de suas condições. Resumindo, dizemos: a originação dependente de todas as coisas. Mas, neste caso, intencionamos discutir somente os problemas dos seres humanos - o sofrimento e a insatisfação humana de todos os tipos.

Para entender o processo de *Idappaccayatā*, devemos começar do ponto dos *āyatanas*, que são as seis bases sensoriais e seus seis objetos. Os *āyatanas* internos são os órgãos sensoriais: olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e a própria mente. Estes estão dentro de nós. Os *āyatanas* externos são a forma, som, odor, sabor, sensações de tato e ideia ou pensamento na mente.

Podem notar que os olhos entram em contato com as formas, os ouvidos entram em contato com os sons, o nariz entra em contato com os odores, a língua entra em contato com os sabores, o corpo entra em contato com as sensações de toque e a mente entra em contato com as ideias. Temos assim seis pares de *āyatanas*.

Vamos agora estudá-los no processo de *Idappaccayatā*. Começaremos com o primeiro par, olhos e forma, como exemplo. Olhos, dependentes da forma, dão surgimento à consciência visual. Temos agora três coisas: olho, forma e consciência. Quando estes três se encontram juntos em funcionamento, chamamos a isto de contato

(*phassa*). Este é um momento muito importante para se conhecer e estudar. O contato é o momento no qual a ignorância surge ou não. Se for a ocasião do surgimento da ignorância, isto seguirá um mau rumo dando origem ao problema do sofrimento.

Se no momento do contato temos adequada vigilância e sabedoria para governar o contato corretamente, então, não há modo, espaço ou chance para a ignorância surgir. É, assim, um contato que não pode ser o ponto de partida para o sofrimento. Devemos estudar, praticar e treinar, de modo a ter vigilância e sabedoria disponíveis no momento exato do contato. Discutiremos isso mais adiante.

Comentarei agora um pouco mais sobre o processo de *Idappaccayatā-ṭaṭicca-samuppāda*. Se *phassa* é de um tipo ignorante - chamaremos de contato cego ou contato ignorante - tal contato dará nascimento à sensação ignorante, sentir com ignorância. Pode ser agradável ou desagradável, mas contém ignorância nela. Chamamos isto de sensação cega ou sensação ignorante. Tal sensação (*vedanā*) dará nascimento ao querer ignorante ou querer cego. Usualmente chamamos o querer cego de 'desejo' (*taṇhā*). Com isto queremos dizer querer cego, querer ignorante e querer incorreto - e não simplesmente querer. Vocês devem compreender isso. Quando usamos o termo 'desejo', ele significa querer cego - o querer da ignorância, o querer por meio da ignorância.

Tal querer cego (*taṇhā*) dará nascimento ao apego (*upādāna*). O apego surgido do querer cego ou ignorante é, assim, ignorante em si mesmo. Há apego a qualquer coisa que entra em contato com ele, incluindo apego a este ou aquele significado das palavras e apego a algumas coisas como 'minhas' e algumas outras como 'eu'.

É preciso conhecer os cinco agregados (*khandha* em pāli ou *skandha* em sânscrito). Eles são importantes porque o apego é apego a estes cinco *khandhas*. O primeiro *khandha* é este corpo. Quando o corpo está em funcionamento, a mente ignorante se apega a ele como sendo ‘eu’, em alguns casos, e como ‘meu’, em outros. Podemos, então, ver alguém com raiva de seu corpo. Ele pode considerá-lo como ‘ele, ele-mesmo’. Ou, em outros casos, ele o considerará como sendo ‘seu, seu corpo’. Este é o primeiro *khandha*, o agregado da corporeidade (*rūpa-khandha*).

O segundo *khandha* é a sensação (*vedanā-khandha*). Quando há qualquer tipo de sensação na mente, a mente ignorante a considera - ou se torna apegada a ela e a considera como ‘minha’ sensação. É considerada como ‘eu’ ou ‘meu’, os quais são o mesmo apego.

O terceiro *khandha* é chamado de percepção (*saññā-khandha*). É perceber algo como isto, como aquilo, como estes ou aqueles; como ‘minha felicidade’ ou ‘meu sofrimento’, como ‘bom’ ou ‘mau’. Em alguns casos, a percepção da mente é tomada como sendo o ‘eu’ que percebe. Em outros casos, a percepção é tomada como sendo ‘minha’ ou ‘minha percepção’. Vocês podem entender que a mesma coisa pode ser apegada de duas formas: como aquele que age e como o agido.

Em seguida vem o quarto *khandha* ou agregado do prender-se, o qual é chamado de *sankhāra-khandha*. *Sankhāra*, neste caso, tem um significado especial. Literalmente significa formar, mas aqui, especificamente, significa ‘formar’ de um modo mental, isto é, pensar. Como verbo, *sankhāra* significa condicionar, dar surgimento ou causar. Como substantivo significa ‘formação’, seja o ato de formar ou o estado de ter sido formado, ou ainda, ambos. Aqui usamos o significado de

‘pensar’, pois pensar é dar surgimento ou causar a concepção que está tendo lugar agora na mente do ignorante. Ele se apega a isto como ‘eu penso’ ou como ‘meu pensamento’. Vocês devem perceber e considerar isso por si mesmos. Vejam o apego funcionando em ambos os modos.

Chegamos agora ao quinto e último *khandha*. O agregado da consciência (*viññāṇa-khandha*) é o que conhece todas as coisas que chegam aos olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente. O ignorante se apegará à consciência ou ao corpo da consciência, como “eu” - “eu” que é consciente. Em outras ocasiões, se apegará a ela como “minha consciência”. Estes são os dois modos.

Juntos, nós temos os cinco grupos de apego. Podem notar que nos tornamos apegados a muitas coisas, tanto exteriores como interiores; apegamo-nos e agarramo-nos a elas. Tudo isso é feito mentalmente, como ‘eu’ ou ‘meu’. Estes são conceitos ignorantes, não a coisa real. Em todos os casos, é somente por meio da ignorância que a concepção de ‘eu’ ou ‘meu’ surge com relação às coisas.

Voltemos ao apego que acontece no processo de *Idappaccayatā*. Tal apego dá lugar ao surgimento da existência (*bhava*). É o vir-a-ser de algo - o ‘ego’ ou ‘eu’ ilusório. O vir-a-ser do ‘ego’ surge do apego. Há o apego a algo ilusório por intermédio do pensamento ilusório e, assim, chegamos ao vir-a-ser ilusório (*bhava*). Nesta altura existe o ‘ego’, mesmo no estágio da infância. Chamamos de *bhava* ou vir-a-ser.

Vir-a-ser faz surgir o nascimento (*jāti*). Aqui o ‘ego’ está totalmente desabrochado como um ‘ego’ que é apropriado e adaptado ao seu caso: ser um ‘eu’, um ‘homem’, um ‘ego’. Neste momento há um

ego - aquilo que é imaginado ser um 'ego' ou 'eu'. O 'eu' ilusório agora aparece no processo de Idappaccayatā.

O 'eu' pensa, age e fala no padrão do apego. O 'eu', então, começa a agir e falar de formas ignorantes, tais como 'isto sou eu' ou 'isto são minhas posses'; ou mesmo, 'este é meu nascimento, este é meu envelhecimento, esta é minha doença e esta é minha morte'. Todas as coisas passam a ser problemas para tal 'eu'. Isso traz problemas à mente, de modo que ela sofre e padece dores e insatisfações de todos os tipos. Isto é Idappaccayatā no modo ou processo de surgimento do problema do sofrimento mental. Na realidade, o sofrimento acontece à mente, mas, como dissemos, é imaginado como acontecendo ao homem.

Entretanto, se tivermos uma vigilância e sabedoria adequadas, podemos trazer suficiente vigilância e sabedoria ao processo no exato momento do contato. Repetiremos o processo do começo ao fim de modo a evidenciar seu funcionamento.

Os olhos, dependentes da forma, dão nascimento à consciência visual. Essas três coisas funcionando juntas são chamadas de contato (*phassa*). No caso, agora, de um homem que possui vigilância e sabedoria no exato momento do contato, ele pode usar tal vigilância e sabedoria para governar o contato. Haverá, então, um contato sábio.

Tal contato sábio não dará nascimento à sensação cega, mas à sensação sábia. Como a causa é sábia, o contato dá surgimento à sensação sábia. A sensação sábia não pode fazer surgir o querer cego, mas, ao contrário, faz surgir o querer sábio ou querer com sabedoria. Devemos diferenciá-lo daquele do contato ignorante do primeiro caso. O contato sábio ou contato desperto, então, dá lugar à sensação sábia,

seja à sensação agradável ou desagradável. Essa é a sensação com sabedoria por meio da vigilância. Tal sensação não pode fazer surgir o querer ou desejar cegos, mas somente dá origem ao querer sábio, o qual não pode ser chamado de desejo.

Temos, assim, o querer sábio. O querer sábio não pode dar origem ao apego. Desta forma, não há apego ao conceito ilusório de 'eu' ou 'meu' e não há a existência do 'ego', nem nascimento do 'ego'. Não há 'ego', nem 'eu' ou 'meu' a surgir. Nada pode, desta maneira, entrar em contato com o 'eu', pois sem 'eu' não há problema algum na mente. Vemos, assim, Idappaccayatā no processo de não fazer surgir problemas na vida humana.

Vocês podem notar que há dois modos ou dois tipos de Idappaccayatā. O primeiro funciona pela ignorância e termina no problema do sofrimento. O segundo funciona por meio da vigilância e da sabedoria e é o término de todos os problemas.

Essa é a Lei, a Lei Natural. Não é uma lei estabelecida por alguém. A Lei é algo por si mesma. Devemos compreendê-la. Isso é o que o Senhor Buddha descobriu em sua Iluminação. Ele foi iluminado por tal Lei, compreendeu-a como o Dhamma Supremo e prestou homenagem a ela no momento de sua Iluminação. Temos esse Dhamma - a Lei de Idappaccayatā - como o Supremo. Ela pode ser chamada de Deus budhista. É um deus impessoal ou não-pessoal. Gostaria que vocês compreendessem tal fato. Este é o modo budhista de se emancipar de todos os problemas.

Gostaria que se lembrassem do que disse. Esse é o ABC do Dhamma budhista. Todos devem começar a estudar ou praticar o Buddha-Dhamma a partir deste ABC do Dhamma. Aprendam, em sua

vida diária, com os olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente quando estão em funcionamento na visão, audição, olfação, gustação, tato e pensamento. Não aprendam sobre isso de um livro, mas da realidade atual. Há o corpo e os órgãos do corpo que têm contato com as coisas em volta do corpo. Na vida diária vocês têm seus olhos, seu nariz e sua língua. A maneira de conhecer suas funções é algo que vocês devem estudar de tais realidades de fato. Se querem estudar e conhecer o Buddha-Dhamma, vocês devem começar seu estudo por estas coisas que são chamadas de o ABC do Buddhismo. Não comecem seu estudo com o grande e imenso sistema de filosofia indiana pré-buddhista ou de algum outro modo. É inútil fazer tais coisas. Gostaria que estudassem o Buddha-Dhamma começando seu estudo com esses seis pares de *āyatanas*: os seis órgãos e seus seis objetos enquanto funcionam em suas vidas diárias. Não comecem a partir de um livro, sermão ou palestra. Isso é inútil se querem chegar ao coração do Dhamma.

Notas do editor da versão em português:

* Quem transcreveu essa palestra proferida em inglês por Tan Ajahn foi Stephen R. Schmidt. Ele diz o seguinte:

“O trabalho seguinte é o texto de uma palestra proferida pelo Venerável Buddhādāsa Bhikkhu no dia 14 de outubro de 2525/1982 no Suan Mokkh Forest Monastery, distrito de Chaiya, província de Surat Thani no sul da Tailândia.

A breve palestra foi dada em inglês e gravada em videotape para o possível uso com audiências de língua inglesa que não tiveram a oportunidade de vir até Suan Mokkh e ouvir o Venerável Buddhādāsa falar pessoalmente.

Que o Venerável Buddhādāsa tenha concordado em proferir uma palestra sobre o Dhamma em inglês e gravada em vídeo, é um exemplo de sua compaixão pelos outros e seu zelo em tentar expor o Dhamma. Dar tal palestra não foi fácil para o Venerável Buddhādāsa por duas razões importantes.

Em primeiro lugar, gravar em vídeo para uma audiência é um meio que está muito distante do modo normal de exposição do Venerável Buddhādāsa; seu modo normal é pronunciar uma palestra diretamente aos seus ouvintes sentados bem perto. Além de permitir um sentido de interação pessoal entre o Venerável Buddhādāsa e seus ouvintes, ele é capaz de vagar pelas palavras, repetindo e reiterando à sua vontade. Ao fazer um videotape, entretanto, especialmente para uma audiência ocidental de fala inglesa, o Venerável Buddhādāsa foi obrigado a falar dentro de limites de tempo bem definidos e a ignorar sua inclinação pela repetição e interação pessoal.

A segunda razão pela qual pronunciar tal palestra não foi algo fácil, como explicada pelo próprio Venerável Buddhādāsa, foi a de ter sido forçado a usar um inglês infantil, auto-ensinado e auto-aprendido.

Os termos em pāli aparecem na maior parte das palestras sobre o Dhamma. Aqui, foram geralmente introduzidos seguidos de suas mais usuais traduções em inglês. Em alguns poucos casos foram explicados contextualmente. Sempre aparecem em itálico.

Que todos os seres venham ver e trilhar o Caminho de cessação do sofrimento”.

¹ Dhamma - Verdade, Natureza, Lei, Ordem, Dever. É o segredo da natureza que deve ser entendido de modo a desenvolver a vida até seu mais superior propósito e benefício. Os quatro significados primários de Dhamma são, segundo Tan Ajahn, natureza, a lei e a verdade da natureza, o dever a ser cumprido de acordo com a lei natural e os resultados ou benefícios que surgem do cumprimento desse dever.

² *Kamma* - Seu significado preciso é “ação intencional geradora de resultado”.

³ *Phassa* - Contato, experiência sensorial: o encontro e trabalho conjunto das bases sensoriais internas + objetos dos sentidos + consciência sensorial, por exemplo, olhos + formas e cores + consciência visual. Há seis tipos de *phassa* correspondentes aos seis sentidos. O Buddhismo considera a mente como o sexto sentido que tem como objeto os pensamentos, sentimentos, ideias, etc.